



NOTAS CRÍTICAS

Resenha

John Bellamy Foster. *The Return of Nature: Socialism and Ecology*.
New York: Monthly Review Press, 2020. 672 p.

ISBN 9781583678367 (cloth) | 9781583678374 (ebook)

Felipe Cotrim*

Em *The Return of Nature* – livro vencedor do Deutscher Memorial Prize, de 2020 –, John Bellamy Foster apresentou uma continuação de *Marx's Ecology*¹, publicado há vinte anos. Nessa nova ocasião, Foster investigou a gênese e a evolução do habitat científico, intelectual e político do ecossocialismo anglófono após a morte de Charles Darwin (1882) e Karl Marx (1883), demonstrando ao leitor que os problemas de investigação contemporâneos sobre a crise ambiental possuem uma história que remete às primeiras críticas radicais ao capitalismo industrial. Assim, temas como o restabelecimento do metabolismo entre a natureza e o ser social, a crítica ao progresso, à alienação do trabalho e à expropriação predatória da natureza têm como origem os primórdios do pensamento socialista – materialista e ecológico – do século XIX.

John Bellamy Foster, professor de sociologia da Universidade do Oregon e editor da *Monthly Review*, é formado na Evergreen State College, tradicional instituição superior dedicada aos estudos sobre o meio ambiente. O marxismo ecológico – ou o ecossocialismo – é um tema que tem acompanhado a obra teórica e a militância política de Foster desde sua juventude. Autor de livros que versam sobre o marxismo, o ecossocialismo, a crise contemporânea do capital e os rumos existenciais da humanidade, destacando-se: *The Theory of Monopoly Capitalism* (1986); *Ecology Against Capitalism* (2002); *The Ecological Revolution* (2009); *The Ecological Rift* (2010) (com Brett Clark e Richard York); *Marx and the Earth* (2016) (com Paul Burkett); e o mais recente *The Robbery of Nature* (2020) (com Brett Clark). *The Return of Nature* complementa essa bibliografia e enriquece o debate contemporâneo sobre a dimensão ecológica, ou não, do marxismo. Nele, Foster contra-argumenta as teses que atribuem a ela um prometeanismo ecológico [*ecological Prometheanism*], como Michael Löwy (2019), de forma mais radical e decida do que Kohei Saito em *Karl Marx's Ecosocialism*, que, apesar de

* Cotrim é mestre em História Econômica pela Universidade de São Paulo (USP) e membro do Conselho Editorial da *Revista Angelus Novus* (RAN).

¹ Ed. brasileira: Foster, 2005.

identificar interesses ecológicos na obra marxiana, a compreende como incompleta e inconclusa (Saito, 2017)².

The Return of Nature foi produto de duas décadas de pesquisas de caráter interdisciplinar e colaborativo com colegas e amigos pesquisadores em arquivos e bibliotecas nos Estados Unidos e no Reino Unido. Assim, o livro demonstra o valor do trabalho da pesquisa historiográfica de longo prazo e a importância de um sistema de universidades e arquivos devidamente financiados e autônomos. Fruto de uma virtuosa e farta bibliografia e de um rico acervo de fontes primárias, demonstrando atenção e valorização da pesquisa empírica, Foster não renunciou ao uso de bons textos publicados em blogs (*Manchester's Radical History* e *CounterPunch*) e de outros materiais publicados na internet (*Ireland's History in Maps*). No que se refere à bibliografia de referência, *The Return of Nature* se sustenta basicamente em uma literatura científica de língua inglesa – o que não significa, necessariamente, uma limitação, pois as editoras anglófonas publicam, reeditam e traduzem massivamente mais dos que nossas editoras lusófonas.

O livro está organizado em três partes e onze capítulos, com uma introdução e um epílogo nas duas pontas, e, no fim do livro, há um sempre bem-vindo índice onomástico e remissivo, que facilita a busca dos autores e dos termos citados em suas páginas.

A exposição dos capítulos segue uma estrutura uniforme: inicia-se por uma breve exposição biográfica dos autores investigados, seguida por uma análise minuciosa – por vezes cronológica, em outros casos temática – de suas obras, sustentada tanto em fontes primárias quanto em uma bibliografia de referência consolidada e atualizada.

Na parte 1 (“Beyond Marx and Darwin”), examinou-se a vida e a obra de Edwin Ray Lankester e William Morris. Na parte 2 (“Engels’s Ecology”), examinou-se a obra teórica de Friedrich Engels, tendo como fio condutor a perspectiva ecossocialista. Na parte 3 (“Toward a Critical Human Ecology”), examinou-se a vida e a obra dos cientistas e historiadores da ciência socialistas e marxistas anglófonos: J. D. Bernal, J. B. S. Haldane, Joseph Needham, Hyman Levy, Lancelot Hogben e o ensaísta inglês Christopher Caudwell. Foster os classificou de forma genérica como materialistas socialistas que produziram uma “interpretação dialética da natureza e da sociedade”, combinada às “complexas relações da evolução e emergência [*emergence*]”, precedendo as concepções contemporâneas, tais como *sistemas ecológicos* [*systems ecology*] e *análise do sistema Terra* [*Earth system analysis*] (Foster, 2020, Preface)³.

A investigação de Foster partiu de dois pressupostos: (1) considerou a pers-

² Saito, 2016; Saito, 2014.

³ Utilizei a edição digital (.pub) do livro. Sendo assim, ao fazer citações, indiquei o capítulo e não as páginas. Ademais, todas as traduções de passagens do livro são minhas.

pectiva e o método ecológico e a crítica à sociedade capitalista do pensamento socialista superiores ao pensamento liberal, em razão de sua visão materialista e dialética, de sua crítica à alienação do trabalho e à ruptura do metabolismo entre a natureza e o ser social sob o regime do capital – elementos que, segundo ele, o pensamento liberal, em razão de seus limites estruturais, carece; e (2) defendeu a dialética da natureza de Engels, a considerando complementar a de Marx. Segundo ele, Engels a estendeu para novas direções no *Anti-Dühring* e na *Dialética da natureza* (1870-1880), utilizando-a no combate ao materialismo mecânico e na defesa dos pressupostos fundamentais da dialética hegeliana sob uma forma materialista, fazendo com que ela fosse aplicável ao metabolismo natureza-ser social. Porém, apesar de suas virtudes, a crítica ecológica engelsiana ao capitalismo e sua dialética da natureza foi fortemente desqualificada durante o século XX, particularmente pelas penas dos filósofos e demais pensadores vinculados ao marxismo ocidental – que Foster criticou consistentemente no livro –, sendo indispensável, ele argumentou, recuperá-la para o movimento ecossocialista contemporâneo, a fim de que ela possa atender aos desafios teóricos e práticos da presente crise ambiental e social do capital. Esses dois pressupostos – empiricamente fundamentados – perpassam todos os capítulos do livro.

O capítulo 1 (“Ecological Materialism”) é dedicado à vida e à obra de Edwin Ray Lankester (1847-1929). Nascido em uma família de cientistas, Lankester parecia ser predestinado a se tornar um dos maiores naturalistas da Grã-Bretanha da geração pós-Darwin e pós-Thomas Huxley. Membro da Royal Society e diretor do Museu de História Natural, Lankester buscou ao longo de suas pesquisas unificar a concepção materialista da natureza (Darwin) e a concepção materialista da história (Marx e Engels). Amigo de Marx e de sua filha Eleanor, Lankester foi considerado, por Foster, como um dos fundadores da crítica ecológica e materialista ao capitalismo. Lankester rejeitou a concepção linear e progressiva da evolução das espécies, combateu ferrenhamente concepções deterministas e eugenistas de seu tempo, advogando uma concepção dialética da natureza que incluía a contradição, a degeneração e a eventual extinção das espécies.

Foi pioneiro do termo *ecology/œcology* na língua inglesa – que apareceu pela primeira vez em inglês em 1876 na tradução de *History of Creation*, do naturalista alemão Ernest Haeckel (1834-1919), supervisionada e revisada por Lankester. Da palavra *ecology*, Lankester formulou o termo *bionomics*, que se manteve influente na ciência britânica até a década de 1900 – *bionomics* é equivalente ao significado contemporâneo de ecologia, a área da biologia que investiga as relações dos organismos vivos entre si e o meio ambiente.

Um aspecto que diferenciava Lankester dos demais naturalistas de seu tempo foi ter estudado os seres vivos em seu ambiente natural, isto é, o estudo da natureza viva, ou uma “economia da natureza”, pois, para ele, o naturalista deveria ser não como um legista, mas como um biógrafo da natureza. Ademais, foi um

leitor e estudioso de *Das Kapital* (edição alemã), utilizando-se da crítica marxiana para fundamentar sua crítica ecológica ao capitalismo industrial.

Os capítulos 2 a 4 (“The Art of Labor”, “The Movement Toward Socialism” e “An Earthly Paradise”) são dedicados a vida e obra de William Morris, e, por sua profundidade e dimensão, poderiam ser publicados como uma obra independente do restante do livro. O artista, escritor e editor socialista inglês, William Morris (1834-1896), partindo de uma crítica romântica ao universo burguês e ao capitalismo industrial, desenvolveu, de forma independente, uma crítica socialista, radical e materialista ao capitalismo. Por meio dela, formulou, também de forma independente, o conceito da alienação – então, pouco conhecido e estudado no marxismo do período⁴. Por esse motivo, Foster questionou a tradicional qualificação de Morris como um socialista romântico. Para ele, Morris foi de fato “um pensador socialista radical”, profundo conhecedor da crítica da economia política marxiana⁵ e defensor da teoria marxiana do valor perante seus antagonistas à direita e à esquerda, profundamente ocupado com a superação do capitalismo, da alienação do trabalho e da ruptura metabólica entre a natureza e o ser social.

Para Morris, o socialismo significava muito mais do que a apropriação dos meios de produção pelas classes trabalhadoras. Envolveria, também, uma nova relação da sociedade com a natureza, uma transformação subjetiva e cultural do mundo em sua integralidade, ou um “renascimento” ecológico e estético da humanidade, em que a harmonia entre natureza-sociedade e cidade-campo caminhariam juntas à harmonia trabalho-arte. Morris detestava a feiura, o enxofre e a fedentina das grandes cidades industriais britânicas, buscando na arte e na arquitetura medieval e nórdica – particularmente, islandesa – inspiração para o mundo pós-capitalista.

Um dos textos de Morris a que Foster mais dedicou atenção foi o romance utópico *News from Nowhere* (1890-1891) (Foster, 2020, cap. 4). Nesse romance, Morris narra uma Inglaterra pós-revolução socialista. Porém, contrastando dos demais livros do gênero, a Inglaterra socialista imaginada por Morris não estava livre de contradições econômicas, políticas e culturais. Essa Inglaterra não foi integralmente redimida e aperfeiçoada pelo socialismo, mas estava em processo de transição capitalismo-comunismo, em que os elementos da velha sociedade industrial de classes ainda rondavam as relações sociais e a mente de seus habitantes. Assim, Morris apresentou um romance utópico realista em que a transi-

⁴ Os *Manuscritos econômico-filosóficos* (1844) e *A Ideologia alemã* (1845-1846), obras em que Marx e Engels apresentaram suas considerações sobre a categoria alienação, somente foram publicadas postumamente, em 1932.

⁵ Foster mencionou no capítulo 2 a anedota de que Morris foi um dedicado e entusiasmado leitor de *Le Capital* (tradução francesa), e que, em pouco tempo, deixou seu exemplar puído, necessitando ser enviado ao livreiro para reparos.

ção capitalista-comunista seria longa, não linear, repleta de avanços, mas, também, de contratempos.

A parte 2 (“Engels’s Ecology”), que compreende os capítulos 5, 6 e 7 (“Environmental Conditions of the Working Class”, “The Dialectics of Nature” e “The Ecology of Human Labor and Social Reproduction”), é integralmente dedicada à vida e à obra de Friedrich Engels (1820-1895), e, bem como os capítulos anteriores dedicados a William Morris, tem profundidade e dimensão suficientes para ser uma obra independente.

Nela, Foster apresentou uma nova leitura das principais obras de Engels – *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* (1845), *Anti-Dühring* (1877-1878), *Dialética da natureza* (1870-1880) e *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* (1884) – unindo o jovem e o velho Engels a partir da perspectiva da ecologia e do ecossocialismo. Por meio dela, Foster encontrou uma unidade na obra do jovem e do velho Engels, o estabelecendo como um dos pioneiros do pensamento ecológico socialista, além de demonstrar que os problemas nos quais ele dedicou suas investigações são muito mais concernentes aos séculos XX e XXI do que ao XIX: capitalismo monopolista; imperialismo; desenvolvimento técnico-científico; crises urbanas e sanitárias; integração da concepção dialética da ciência e da natureza com a base filosófica do materialismo histórico (trabalho preliminar e incompleto) e a ruptura metabólica entre a natureza e o ser social sob o regime do capital(ismo).

Sendo assim, Foster apresentou como teses principais da parte 2 que:

Os trabalhos maduros de Engels, combinados com suas investigações juvenis sobre as condições da classe trabalhadora, são de fato melhor vistos como constituindo os elementos essenciais de uma dialética ecológica, cujo pleno significado só se torna aparente hoje ... Para Engels tudo era movimento, interconexão, contradição e mudança em espiral. O mundo exibia uma dialética natural, ou seja, do ponto de vista da razão, ela podia ser compreendida como incorporando relações dialéticas – um complexo processo evolutivo de fluxo contínuo e desenvolvimento em espiral (e às vezes retrógrado). O reconhecimento disto foi parte integrante de toda sua práxis revolucionária (Foster, 2020, cap. 5).

No capítulo 6, Foster se dedicou ao reexame de *Dialética da natureza*, obra que em razão do bicentenário de nascimento de Engels e da crise ambiental contemporânea tem sido reabilitada, recebendo reedições, novas traduções e estudos – destacando-se o recente *Friedrich Engels and the Dialectics of Nature*, de Kaan Kangal (2020). Por meio de uma investigação e exposição perspicaz e acessível, Foster historicizou e corrigiu muitas das interpretações e preconceitos dos

estudos de Engels sobre filosofia e ciências naturais empreendidos por ele nos anos 1870-1880. Com o novo impulso investigativo sobre a *Dialética da natureza*, muitas das teses que foram comuns nos anos 1960-1970 sobre ela estão se tornando velharias, como a “roca de fiar e o machado de bronze”⁶.

Sobre a perenidade da *Dialética da natureza*, Foster escreveu:

Algumas coisas que Engels havia escrito, embora perfeitamente de acordo com a ciência de seu tempo, claramente não eram mais vistas como válidas, mas o método dialético de investigação que ele havia promovido não tinha perdido nenhum de seus significados ... O leitor moderno poderia ganhar em toda parte com a maneira de pensar de Engels e suas tentativas de aplicar a investigação dialética à natureza e à ciência natural, extraídas, como sabemos, das duas primeiras subdivisões da *Lógica*, de Hegel (a “Doutrina do ser” e a “Doutrina da essência”) (Foster, 2020, cap. 9).

Na parte 3 (“Toward a Critical Human Ecology”), Foster se voltou para os cientistas socialistas e marxistas britânicos do século XX, buscando demonstrar a marcante tradição perdida da militância socialista e humanista entre a comunidade científica que os países anglófonos possuíam até meados daquele século.

O capítulo 8 (“Ecology as a System”) trata de Arthur George Tansley (1871-1955). Pupilo de Lankester – examinado no capítulo 1 –, Tansley compartilhava com seu mestre a perspectiva ecológica e o entendimento de que as formas de vida deveriam ser estudadas como sistemas dinâmicos. Cientista comprometido politicamente, Tansley se engajou em debates filosóficos sobre o materialismo *versus* o idealismo nas ciências naturais, defendeu as teses fundamentais da dialética da natureza engelsiana e formulou o conceito de *emergence*, que consistia na explicação filosófico-científica do surgimento dos seres vivos e sua evolução em diferentes níveis de complexidade, integrando a teoria da evolução darwinista às concepções dialéticas herdadas da filosofia de Hegel, Marx e Engels.

Gostaria de destacar do capítulo 8 o item “The Nature of Living Matter”, em que Foster examinou a teoria ecológica racista e eugenista de Jan Smuts (1870-1950) – estadista, filósofo e militar africânder, um dos fundadores e teóricos do *apartheid*. A obra teórica de Smuts representou uma variante reacionária, pseudocientífica e racista do pensamento ecológico no mundo anglófono. Sua teoria oferecia uma crítica reacionária ao capitalismo industrial e à decorrente devastação do meio ambiente, advogando uma (re)harmonização entre a natureza e a sociedade que compreenderia uma opressora hierarquia racial – um “racismo

⁶ ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. São Paulo: Boitempo, 2019. cap. 9, p. 218.

ecológico”. Enfim, essa teoria fornecia “justificações teleológicas, quase religiosas, para a hierarquia tanto do mundo natural como do mundo social” (Foster, 2020, cap. 8). Foster demonstrou, portanto, que a tradição ecológica não é propriedade absoluta dos socialistas marxistas. Portanto, sem um comprometimento científico, político e humanista por parte dos marxistas, ela pode produzir suas variantes – ou cepas – reacionárias.

No capítulo 9 (“The Return of Engels”), Foster investigou o pensamento científico socialista marxista britânico do século XX – os *red scientists*. Sua “certidão de nascimento” foi o II Congresso Internacional sobre História da Ciência e Tecnologia, realizado em Londres entre os dias 24 de junho a 4 de julho de 1931. O Congresso de 1931 foi marcante para a história da ciência em razão da participação de última hora da delegação soviética, formada por Bukhárin, Zavadovsky, Hessen, Joffe, Vavilov, Rubinstein, Colman e Mitkewich. As conferências proferidas pela delegação soviética, posteriormente editadas e publicadas no livro *Science at the Cross Roads* (1931), “representou, para os cientistas britânicos, a primeira grande introdução às novas ideias radicais sobre ciência e filosofia desenvolvidas na revolucionária União Soviética”, e demonstrou, de forma surpreendente, o “poder das abordagens materialistas históricas sobre a evolução das relações entre a humanidade e a natureza” (Foster, 2020, cap. 9). Significou, também, a apresentação não mecanicista do materialismo dialético soviético e acendeu a faísca do interesse pela *Dialética da natureza*, de Engels, traduzida para o inglês em 1940. Os delegados soviéticos do Congresso de 1931 sofreram perseguições de ordem política pouco tempo após seu retorno à pátria dos proletários. Presos e, muitos deles, executados durante as ondas de expurgos da década de 1930, a vibrante e dialética ciência soviética foi assassinada pelo regime burocrático dirigido por Stálin.

Entretanto, as hipóteses e as teses dos delegados soviéticos do Congresso de 1931 sobreviveram e prosperaram nas obras e na militância dos *red scientist*. Porém, alertou Foster, não se tratou de uma transposição mecânica. Os *red scientists* aclimataram, ou melhor, britanizaram a filosofia da ciência soviética para seu novo habitat, incorporando a tradição empirista e romântica da ciência e do socialismo inglês, sem renunciar à dialética marxiana e engelsiana, do humanismo e da ecologia. Por meio dessa herança soviética, John Desmond Bernal (1901-1971), John Haldane (1892-1964) e Joseph Needham (1900-1995) – cientistas que Foster examinou em detalhe nesse capítulo – combateram o materialismo mecânico, o positivismo, o idealismo e as expressões conservadoras e alienadas da comunidade científica anglófona. O que unia esses cientistas socialistas marxistas era sua concepção materialista e dialética da natureza, seus valores humanistas e ecológicos, e a certeza na necessidade do restabelecimento em um novo patamar histórico do metabolismo entre a natureza e o ser social.

O capítulo 10 (“Dialectics of Art and Science”) é dedicado a Christopher

Caudwell (1907-1937), ensaísta inglês e voluntário internacionalista da Guerra Civil Espanhola (1936-1939). Morto em combate, o jovem Caudwell deixou como legado uma vasta, porém, incompleta obra sobre estética, que somente veio à luz postumamente. Foster investigou em detalhe a obra póstuma de Caudwell, avaliando, também, as vicissitudes de sua recepção entre a Old Left e as duas primeiras gerações da New Left.

Por meio desse exame, Foster apresentou uma renovada leitura de Caudwell, buscando restabelecê-lo entre os grandes intérpretes e críticos da modernidade, da alienação capitalista, da estética e da ciência burguesa e do pensamento dialético de raízes marxianas e engelsianas. Segundo Foster, “a obra de Caudwell foi profundamente ecológica em termos estéticos, históricos, bem como científicos” (Foster, 2020, cap. 10). Por este motivo, concluiu: “A tentativa de Caudwell de desenvolver uma dialética da arte e da ciência o conduziu, no curso de suas investigações, a uma dialética da natureza e da sociedade e a uma concepção mais profunda e ecológica do socialismo” (Foster, 2020, cap. 10).

Para Foster, Caudwell reabilitou a concepção de William Morris sobre a unidade entre a arte e a ciência como as duas formas fundamentais de apropriação e compreensão do mundo concreto pelas sociedades humanas. Porém, seguindo os passos de Morris, Caudwell afirmou que, sob a sociabilidade capitalista, a arte e a ciência eram imanentemente alienadas, resultando na ruptura do metabolismo entre a natureza e o ser social e na alienação e no estranhamento do trabalho.

O capítulo 11 (“A Science for the People”) é sobre a ascensão e queda dos *red scientists*, ou da *scientific left* britânica. Nele, Foster examinou seus debates em defesa de sua concepção dialética e social para a ciência – uma ciência popular, livre e não tecnocrática –, suas lutas políticas contra o racismo, a eugenia e o imperialismo, e sua defesa do pacifismo e da ecologia.

O pico de influência da *scientific left* na Grã-Bretanha foi durante a Segunda Guerra Mundial, quando muitos de seus membros, engajados na luta contra o fascismo e o nazismo, tiveram relevante atuação a serviço dos Aliados. Embora muitos fossem membros ou simpatizantes do Partido Comunista da Grã-Bretanha (CPGB), foi no Labour que eles efetivamente contavam para a efetivação de suas políticas científicas e sociais.

Entre a *scientific left*, Foster destacou Bernal e seus livros *The Social Function of Science* (1939) e *Science in History* (1954), em que ele advogou uma nova relação entre a teoria e a prática científica, a necessidade de reorganizar a ciência a serviço dos interesses gerais da população e dos desafios existenciais e ecológicos da humanidade. Para tanto, Bernal considerava indispensável a superação do regime capitalista, pois, para ele – bem como para os demais *red scientists* – o capitalismo era incompatível com uma ciência voltada para o bem comum, a ecologia e para a emancipação humana.

A conscientização sobre os impactos tóxicos da energia nuclear e atômica

no meio ambiente e seu potencial uso bélico levou muitos da *scientific left* ao engajamento no movimento pacifista e antinuclear. Porém, com o início da Guerra Fria (c. 1947), a *scientific left* e sua concepção dialética, popular e emancipatória da ciência passou a sofrer forte resistência à direita e à esquerda.

À direita se formou uma “liga dos intelectuais anticomunistas (Michael Polanyi, John Baker, Friedrich Hayek, Raymond Aron, Sidney Hook e Arthur Tansley – o mais moderado entre eles) organizados no Congress for Cultural Freedom (CCF) e na Society for Freedom in Science (SFS). Apesar da forte oposição dos cientistas anticomunistas, a *scientific left* e seus aliados conseguiram implementar políticas científicas e sociais relevantes. Por exemplo, na UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), tiveram papel importante na formulação antirracista e antieugenista na *Declaração sobre raça*, de 1950, na *Declaração sobre a natureza das raças e das diferenças raciais*, de 1951, e na *Declaração sobre raça e preconceito racial*, de 1967. Foster as considerou como sendo uma das grandes vitórias obtidas por eles, mesmo com todas as adversidades que lhes haviam sido impostas pelas políticas anticomunistas dos tempos de Guerra Fria.

Entretanto, acontecimentos políticos fora do controle da *scientific left* produziram seu declínio. O ônus das políticas soviéticas – stalinismo, invasão da Hungria (1956) e as políticas pseudocientíficas de Lesiénko – respingaram negativamente neles, os colocando na defensiva e – em não poucos casos – em um *dead end* político e retórico.

Contudo, o golpe mais forte sofrido pela *scientific left* partiu da própria esquerda britânica, particularmente da segunda geração da New Left, que abraçou as teses do marxismo ocidental, rejeitando a dialética da natureza e uma concepção dialética e popular para as ciências naturais, alienando o marxismo não somente das futuras gerações de cientistas, mas de sua base social entre as classes trabalhadoras britânicas, limitando-o ao terreno acadêmico das humanidades.

Assim, o fim do capítulo soa como um bom fado português sobre a morte lenta da Old Left, ou a geração de cientistas marxistas britânicos nascidos no II Congresso Internacional sobre História da Ciência e Tecnologia, de 1931.

No último capítulo (“Epilogue”), Foster expôs de forma panorâmica a presença remanescente das teses dos cientistas marxistas britânicos da Old Left em território estadunidense. Essa presença é identificável no movimento Science for the People, nascido nos protestos contra as Guerras na Indochina (1955-1975), e por meio da publicação de *Silent Spring* (1962), de Rachel Carson (1907-1964) – bióloga marinha e ativista defensora do meio ambiente estadunidense –, responsável por publicizar os impactantes malefícios ecológicos dos testes nucleares em Bikini Atoll (Ilhas Marshall) dos anos 1950, a disruptura ecológica e os impactos no meio ambiente da radiação e do uso indiscriminado e predatório dos produtos químicos na agricultura e na indústria capitalista, além de lançar conceitos

importantes para o movimento ecologista: *bioaccumulation* e *biological magnification*.

Na parte final do “Epílogo”, Foster sugeriu uma nova leitura da vida e da obra do historiador inglês Edward Palmer Thompson (1924-1993), identificando na historiografia e na militância política dele uma perspectiva ecológica e dialética em seus estudos sobre William Morris (1955), William Blake (1993) e *Costumes em comum* (1991), e em sua crítica ao conceito burguês de progresso, ao estruturalismo francês (Althusser, em particular) e ao determinismo unilateral do metabolismo natureza-ser social, priorizando a práxis social das classes expropriadas e exploradas, seus métodos de organização política e de reorganização social da produção e da relação com a natureza. Em síntese, Foster ofereceu uma nova perspectiva para a obra de Thompson, atualizada para os novos dilemas existenciais e ecológicos da humanidade.

A escrita de Foster é fluida e dinâmica, e, apesar de ser uma obra historiográfica, Foster não incorreu em nenhum vício academicista. Sua prosa tem a mesma potência dos melhores historiadores de língua inglesa dos séculos XX e XXI, como Eric Hobsbawm, Ellen Meiksins Wood e Mike Davis. Os leitores ideais do livro não serão somente estudiosos e pesquisadores profissionais da história da ciência, história intelectual e história do pensamento socialista e marxista, mas também “aquele cidadão culto e inteligente” que tem seu intelecto estimulado por aquilo “que os franceses chamam de *haute vulgarisation*” (Hobsbawm, 2012, p. 15). Ademais, a divisão dos capítulos em itens facilita e auxilia a leitura e o acompanhamento do leitor do fio traçado pelo autor.

Refletindo sobre o valor de *The Return of Nature* em terras de língua portuguesa, acredito que o livro poderá servir tanto de modelo metodológico e expositivo quanto de incentivo para pesquisas sobre a história do pensamento ecológico e ecossocialista no Brasil e nos demais países lusófonos.

Por fim, por mais que os atuais desafios existenciais e ecológicos da humanidade e do planeta Terra sejam descomunais e assombrosos, Foster demonstrou – tanto quanto Friedrich Engels, William Morris, Edwin Lankester e os *red scientists* – que “a mudança é sempre possível” (Foster, 2020, Preface), bem como, necessária.

Referências

- ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. São Paulo: Boitempo, 2019.
- FOSTER, John Bellamy. *A ecologia de Marx*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- HOBSBAWM, Eric. *A era das revoluções, 1789-1848*. São Paulo: Paz e Terra, 2012.
- LÖWY, Michael. “New Contributions to the Theory and Practice of Marxist

Ecosocialism”. *Climate & Capitalism*, 29 mar. 2019. Disponível em: <https://climateandcapitalism.com/2019/03/29/new-contributions-to-the-theory-and-practice-of-marxist-ecosocialism/?utm_source=feedburner&utm_medium=feed&utm_campaign=Feed%3A+climateandcapitalism%2FpEtD+%28Climate+and+Capitalism%29>.

SAITO, Kohei. *Karl Marx's Ecosocialism: Capitalism, Nature, and the Unfinished Critique of Political Economy*. New York: Monthly Review Press, 2017.

SAITO, “Kohei. Marx’s Ecological Notebooks”. *Monthly Review*, v. 67, n. 9, 2016, pp. 25-42.

SAITO, Kohei. “The Emergence of Marx’s Critique of Modern Agriculture: Ecological Insights from His Excerpt Notebooks”. *Monthly Review*, v. 66, n. 5, 2014, pp. 25-46.

Recebido em 2 de abril de 2021

Aprovado em 25 de novembro de 2021